

IMPASSE NAS NEGOCIAÇÕES RUSSO-UCRANIANAS: SÓ OS EUA OU A FORÇA BRUTA PODEM RESOLVER

Por Andrew Korybko*



Imagen meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Possibilidades de intervenção dos EUA incluem coagir a Ucrânia ou sancionar (mais) a Rússia; Melhor cenário seria Trump forçar Zelensky a capitular, com Putin se abstendo de maiores retaliações; No entanto, uma escalada parece inevitável.

A segunda rodada das negociações russo-ucranianas, recentemente retomadas em Istambul na segunda-feira, não resultou em nenhum progresso rumo à paz. Ambos os lados simplesmente trocaram seus [respectivos memorandos](#) sobre seus previsíveis objetivos político-militares e concordaram com [mais uma troca de prisioneiros](#). Esse resultado era esperado, visto que os EUA ainda não coagiram nenhum dos lados a fazer concessões. Portanto, a menos que os EUA se manifestem e tenham sucesso, somente a força bruta poderá romper esse impasse.

Quanto à possível solução de intervenção americana, ela assumiria diferentes formas com a Ucrânia e/ou a Rússia, caso se concretize. Em relação à primeira, os EUA teriam que ameaçar, de forma crível, cortar completamente o acesso da Ucrânia à ajuda militar, de inteligência e econômica caso ela não cumpra algumas das concessões de paz exigidas pela Rússia, e então prosseguir com a ameaça caso Zelensky se recuse. Mesmo que os europeus [provavelmente não sigam o exemplo](#), eles não poderiam substituir o papel então perdido dos EUA na ajuda à Ucrânia.

Quanto à forma que isso assumiria com a Rússia, os EUA teriam que impor e forçar a aplicação de sanções secundárias paralisantes contra os clientes de energia da Rússia, sem exceção, com ênfase na China, Índia, UE e Turquia. Juntamente com o mencionado, ou em vez dele, devido ao doloroso efeito colateral que tais sanções poderiam acarretar, os EUA também poderiam “intensificar a escalada para desescalada”, aumentando a ajuda militar, de inteligência e econômica à Ucrânia, embora correndo o risco de uma guerra com a Rússia por erro de cálculo.

Quanto à possível solução de força bruta, também assumiria formas diferentes na Ucrânia e/ou na Rússia, se também vier a se concretizar. Em relação à primeira, a Ucrânia teria que realizar ataques estratégicos com drones contra a Rússia em número suficiente para forçar Putin a capitular às demandas maximalistas de Zelensky, mas sem provocar uma retaliação devastadora com [mísseis Oreshnik](#) (possivelmente com ogivas nucleares táticas). Esse objetivo é irrealista, no entanto, e os meios são extremamente arriscados. Mesmo assim, a Ucrânia ainda pode tentar.

Quanto à forma que a Rússia poderia adotar, Putin teria que autorizar a retaliação mencionada para [forçar Zelensky a capitular](#) às próprias demandas maximalistas, mas sem provocar Trump a “intensificar a tensão” em resposta, por medo de perder todos os investimentos dos EUA no “Projeto Ucrânia”. A Rússia também teria que estar pronta para responder a quaisquer provocações europeias desesperadas nesse caso, como o [envio formal de tropas para a Ucrânia](#), mantendo os EUA fora da briga.

A terceira solução possível que alguns poderiam ter considerado, ou seja, continuar a campanha terrestre sem coerção dos EUA sobre nenhuma das partes e sem que nenhuma delas “escalasse para desescalar” à sua maneira, inevitavelmente levaria de volta a esse cenário com o tempo. Afinal, Trump seria compelido a isolar a Ucrânia ou “escalar para desescalar” se as linhas de frente entrarem em colapso, caso em que a Ucrânia ou a Rússia poderiam então “escalar para desescalar”. Alguma escalada pode, portanto, ser inevitável.

Considerando essa dinâmica estratégica, o cenário mais realista para a Rússia seria, portanto, que os EUA tentassem [seriamente coagir a Ucrânia a fazer concessões](#), a Rússia não retaliasse de forma devastadora a quaisquer provocações ucranianas desesperadas e então, a Ucrânia capitulasse logo em seguida, após os EUA interromperem o apoio. Lamentavelmente, a [retórica mais recente](#) de Trump contra Putin e o [projeto de lei de sanções](#) de seu aliado Lindsey Graham sugerem que ele não está se preparando para isso, portanto o pior cenário pode se desenrolar.

**Andrew Korybko é analista político americano radicado em Moscou, com doutorado pelo MGIMO, e especialista na transição sistêmica global para a multipolaridade. Ele acompanha de perto a relação entre a grande estratégia dos EUA na Afro-Eurásia, a Iniciativa Cinturão e Rota da China, os atos de equilíbrio geoestratégico complementares da Rússia e da Índia e a Guerra Híbrida. A guerra por procuração da OTAN contra a Rússia via Ucrânia e suas consequências globais têm sido seu foco, mas ele também cobre assuntos africanos e do sul da Ásia. De tempos em tempos, também analisa assuntos internos dos EUA, da Europa e da América Latina.*
